

OPERAÇÃO PRODUÇÃO:

a estratégia de inserir os chamados improdutivos, parasitas e inimigos da revolução no governo de transição em Moçambique entre 1975 a 1992

Operation Production: The strategy of inserting the so-called unproductive, parasitic and enemy of the revolution into the transition government in Mozambique between 1975 and 1992

Celestino Taperero Fernando¹

Artigo recebido em: 14/06/2019.

Artigo aceito em: 25/09/2019.

Resumo

O artigo objetiva realizar uma aproximação entre os intentos do programa (projeto) operação produção e as ideias do homem novo, no que diz respeito ao processo político, econômico e administrativo da revolução socialista em Moçambique pós-independência (1975-1992), a fim de discutir sobre os impactos da implementação do programa pela FRELIMO e dos decursos de homem novo de Samora Machel.

Palavras-chave: Operação produção. FRELIMO. Moçambique socialismo. Homem novo.

Abstract

The article aims at making an approximation between the attempts of the program (project) operation production and the ideas of the new man, with regard to the political, economic and administrative process of the socialist revolution in post-independence Mozambique (1975-1992), in order to to discuss the impacts of the implementation of the program by FRELIMO and Samaora Machel's young men's practices.

Keywords: Operation production. FRELIMO. Mozambique socialismo. New home.

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Bolsista do CNPq. Licenciado em Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica de Moçambique e Mestre em Filosofia pela PUCRS. CV: <http://lattes.cnpq.br/3734712541571444>

Considerações iniciais

Após a independência de Moçambique, o governo tentou implementar um sistema econômico marxista-leninista. Lançou-se, em 1983, a Operação Produção que obrigou milhares de pessoas a deixar as famílias e a ir para o Niassa, onde estavam instaladas as principais bases da operação. Para a FRELIMO, essa ação não poderia ser considerada como um movimento migratório qualquer, ou seja, uma deslocação desordenada, mas sim uma forma bem estruturada e administrativa de controle estatal sobre o desenvolvimento humano.

A ação em prática fazia parte da agenda do estado e da revolução. A Operação *Produção*, além de ser um projeto econômico, administrativo e político, também passou a ser um processo histórico e geográfico, porque, para além da produção econômica, também visou o repovoamento dessas duas províncias de Niassa e Cabo Delgado.

Além do papel econômico e administrativo, a FRELIMO, a semelhança dos colonos, estava preocupada em acabar com o *êxodo rural* ou *rural urbana*, que é o deslocamento da população rural para a cidade, e implementou o seu inverso para sanar esse que, para eles, era considerado um problema para o desenvolvimento. Contudo, a FRELIMO implementou a migração urbano-rural e deslocou as pessoas da cidade para o campo com a política de que estavam inserindo cada um no seu dever de desenvolver o país, visto que, para o governo, a revolução e o desenvolvimento devem ser executados em comum porque todos são uma nação. A ideia de ligação entre essa operação e a proteção das conquistas da 'Revolução' são também visíveis nos discursos da elite da FRELIMO.

Para Alberto Massavanhane, as práticas da “inspeção das casas é, sobretudo, uma ação política enquadrada na Operação Produção que tem por objetivo a valorização da nacionalização das casas, uma conquista maior da revolução”². Neste sentido, Samora Machel elenca que “o drama do 'desemprego' (herança colonial) devia ser eliminado, o que implicava o deslocamento da

² NOTÍCIAS, 29 de jul.1983.

população no vasto território do país”³. E os *candongueiros* deviam ser também combatidos porque não faziam parte dos trabalhadores ou produtores.

Neste sentido, o projeto Operação Produção estava conectado com a ideia da revolução para a criação do homem novo.

Operação Produção, a evacuação dos agitadores e inimigos da revolução

Essa primeira etapa, primeiramente, começou com o *decreto operação limpeza*, que foi desencadeada numa missão conjunta entre a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e as forças portuguesas, no dia 7 de novembro de 1974, na qual os militares dividiram-se em dois grupos para posicionarem-se nos lugares estratégicos da cidade de Maputo, na época Lourenço Marques.

O primeiro grupo foi instalado na Rua Doutor Araújo de Lacerda com a intenção de bloqueá-la e, assim, criar um cinturão entre outros becos e praças do centro da cidade. Essa estratégia montada visava deter os chamados “agitadores, parasitas e marginais”, afetando, sobretudo, as trabalhadoras do sexo que atuavam na região e os seus respectivos seguranças e clientes. A operação resultou num saldo de 284 indivíduos detidos de ambos os sexos.

O maior número de detidos nessa operação foi de mulheres, com cerca de 192, enquanto o restante era composto por homens. Já no processo de seleção, cerca de 50 mulheres viram a sua liberdade ser restituída e as outras 142 foram transportadas em carros estatais para destino não revelado sob escolta do Exército Popular de Libertação de Moçambique. Como nessa altura não existiam campos de reeducação oficializados nem o programa Operação Produção, esses indivíduos provavelmente foram levados à cadeia feminina de Machava. Essa operação era o indicativo de uma nova conjuntura política e o começo de um novo Moçambique, uma nova era.

No que tange aos homens, 92 foram detidos. Entre eles, cerca de 42 viram a sua liberdade ser restituída, enquanto os 50 restantes tiveram o mesmo destino das 142 mulheres. Nada foi revelado para onde foram levados. Há fontes que relatam

³ MACHEL, 1977, p. 141.

que a maioria das mulheres detidas ficaram pelos campos de reeducação, onde poderiam ser submetidas as novas estruturas ideológicas socialistas e transformá-las no homem novo. Esses campos localizavam-se na zona sul de Moçambique depois de serem fechados na cadeia de Machava à espera da oficialização dos campos. Para execução desse primeiro projeto era necessário o uso da violência, neste sentido Foucault (2010) afirma que a violência não precisa ser física, marcada no corpo, mas não deixa de ser uma violência psicológica, em que o próprio indivíduo com receio de ser punido ou excluído, se auto-vigia constantemente, associando a esse pensamento é importante dizer que a elite da FRELIMO afirmava que não se tratava de uma violência nem exclusão apenas era uma forma de reestruturar uma sociedade.

Para sustentar essa ideia Foucault no seu livro: *o corpo utópico, as heterotopias*. Argumenta que

Segundo princípio da ciência heterotopológica: no curso de sua história, toda sociedade pode perfeitamente diluir e fazer desaparecer uma heterotopia que constituirá outrora, ou então, organizar uma que não existisse ainda”. Por exemplo, há cerca de vinte anos, a maioria dos países da Europa tentou fazer desaparecer as casas de prostituição, com sucesso reduzido, como se sabe, pois, o telefone substituiu a velha casa de nossos avos por uma teia fina e bem mais sutil⁴.

Neste contexto podemos ver que os campos de reeducação em Moçambique pós-independência foram arquitetadas como um sendo lugar de repressão para todos considerados inimigos da nação e os improdutivos⁵.

A Operação Produção insere-se bem na perspectiva ideológica global do partido-Estado implementado pela FRELIMO e acabar com as ideologias obscuras do passado.

Depois da proclamação da independência, o projeto (ideia) da construção do *Homem Novo* passou a estar diretamente conectada ao projeto de *Estado Nação* rumo ao desenvolvimento, e a ideia da revolução encontrou terra fértil. Para isso, não foram envolvidas (afetada) apenas a população, mas também os guerrilheiros da

4FOUCAULT. 2013, p.22

5Nestes fenômenos históricos relevantes, que marcaram a nação moçambicana, as informações são muito escassas porque não eram permitidas as reportagens nem documentários para deixar nos arquivos históricos.

FRELIMO foram submetidos nas transformações. Primeiro foi a transformação dos guerrilheiros do movimento nacionalista (FRELIMO) para membros da Polícia de proteção, com fim de responder a agitações que o país e Maputo estava passar. Ao pensar nos campos de redução, o novo governo olhava para as tradições administrativas e políticas do colono como utopias que não levariam a população ao desenvolvimento do país inteiro.

A proclamação da independência refletia-se como a morte de todos os laços que o colono tinha com a população de Moçambique. Neste sentido, a FRELIMO pensava na morte total das heranças portuguesas na sociedade moçambicana. A mortalização dessas heranças devia ser feita de uma forma gradual e não da forma que a revolução emanava. Os campos de produção e redução eram vistos como espaços reservados para o fim do passado obscuro.

É importante referenciar que *os campos de reeducação* que estavam sobrepostos *a operação produção* foram vistos pelo governo da FRELIMO como um espaço de controle e de inserção do poder estatal nas regiões periféricas do país, inserção da população na revolução rumo ao desenvolvimento. Nesta época na FRELIMO, a ideia de denominação estava patente e forte para impor o princípio de operação produção como podemos ver que para Foucault (2010), a dominação impõe obrigações e direitos, fazendo com que surjam marcas nas coisas e nos corpos. “Estas são algumas das consequências das intervenções realizadas no corpo dos indivíduos por meio do poder disciplinar”⁶. A elite da FRELIMO sempre defendia a ideia de criar um homem alinhado com as novas dinâmicas da ciência e da produção, isso era necessário reeducar homem e disciplina-lo para esse futuro Moçambique, para percebermos melhor essa ideia é necessário chamarmos Foucault, (2010), na qual afirma que;

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de

6 FOUCAULT, 2010, p. 75

inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente⁷.

Essa disciplina e mudança política que a FRELIMO pretendia, tinha o intuito de controlar o nível de recepção e evolução do projeto *homem novo*. Pitcher (2002), na sua abordagem sobre a Operação Produção, elenca que essa ação é uma patologia burocrática por meio da qual o Estado visava mostrar o seu monopólio de violência legítima, expulsando os “indesejáveis”⁸. Na sua essência, a Operação Produção difundia e mentalizava para a população a ideia de que era necessário proteger e valorizar as conquistas da Revolução contra a sabotagem dos bandidos armados e dos inimigos da Revolução e contra uma ameaça de infiltração de bandidos armados até o centro urbano. Por isso as limpezas faciais das cidades sobre esses indivíduos deviam ser colocadas como uma nova luta que Moçambique tinha que travar.

O objetivo dessa transformação era para reeducar os moçambicanos no seu interior, ou seja, os indivíduos teriam de ser introduzidos em uma nova ordem de pensar e ser, assim, livrando-lhe das antigas lealdades étnicas, religiosas, de classe, de raça, regionais, da ideia colonial, burguês e capitalista. Nesta reeducação a FRELIMO solicitou que população sem emprego e prostitutas fosse voluntariamente aos campos. GOFFMAN (2008), explica em suas análise sobre a reeducação ou prisões que “as pessoas podem voluntariamente decidir entrar para uma instituição total e, a partir de então, podem lamentar a perda da possibilidade de tomar decisões importantes”⁹. Também se registou que algumas pessoas adiram livremente aos centros mais no final ficar a lamentar pela como estava sendo tratados lá, não tinha direito de tomar as suas próprias decisões a não sendo seguir as regras emanada pela FRELIMO rumo a revolução.

Nos campos de reeducação o governo de tinha objetivo de transmitir o internado começa a receber instrução formal e informal a respeito do que aqui será denominado sistema de privilégios. A semelhança GOFFMAN (2008), argumenta que, “no mundo externo, por exemplo, o internado provavelmente podia decidir,

7 Idem p. 106).

8 PITCHER, 2002, p. 121.

9GOFFMAN, 2008, p.48

sem pensar muito a respeito, como desejava o seu café, se acenderia ou não um cigarro, quando falaria ou não; na instituição, tais direitos podem tornar-se problemáticos”¹⁰.

Importa referir que nesta época o rompimento com as antigas tradições passava por aquela ideia que Grando (1996) nos faz perceber que, é a partir do século XIX que o corpo não é mais entendido como um suplício, mas como um corpo que necessita obter aptidões e qualificações, pronto para executar o trabalho. Contudo, Samora Machel assimilou essa realidade e pôs a transformar os moçambicanos para novas aptidões de executar e ver as coisas sem sentir-se que estes, estão sendo submetido a punição sobre o passado obscuros que eles carregavam. Neste contexto, Foucault (2009), nos chama atenção que nestas circunstâncias, a punição vai deixando de ser um espetáculo para assumir uma forma negativa, já que o homem precisa temer o crime não em função daquelas cenas públicas, mas pelo fato de ser punido.

Na mesma linha Foucault (2009), nos garante que o objetivo das práticas punitivas não estava mais no corpo, mas em tocá-lo o mínimo possível. Pois este, só é privado, obrigado e interditado, diz o autor, quando está numa posição de instrumento ou de intermediário; no sentido de que, qualquer intervenção pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório, objetiva privar o indivíduo de sua liberdade vista como um direito e como um bem.

A *operação limpeza* estava no âmbito de obrigador as pessoas a deixar de fazer as suas atividades para passar a integral no plano estratégico do governo que estava em viabilização rumo a revolução frelimista.

Aqui, lança-se a ideia de despojamento material das práticas supersticiosas, obstáculo comum das zonas rurais. Aqui, o homem reeducado e transformado poderia ter consigo ideia da ciência e desenvolvimento. Essa nova realidade lhe daria um título de homem novo com as ideias dinâmicas para o mundo moderno. Ao impor a ideia modernista, a FRELIMO estava com o intuito de mediar a viragem liberal para socialismo.

10 Idem

Por que Niassa e Cabo Delegado como destino da operação produção?

Em 1979, o primeiro presidente de Moçambique visitou a província norteia, Samora entusiasmou-se com a fraca demográfica da província, a qual tinha vários problemas e carência de quase tudo, porém, com uma terra muito fértil e favorável para economia do país. Samora convidou o partido a desencadear uma série de reuniões junto com a população local e lançou o projeto sintetizado pelo partido, criando, assim, uma compilação de decurso e transformando em uma brochura intitulada, *Fazer do Niassa uma base sólida para construir o socialismo*.

O propósito era de mostrar a população e a direção do partido as ideias que foram coletados no decorrer das reuniões. Aqui já estava começando o catapultar do desenvolvimento do Niassa e Cabo Delgado, e a operação produção já estava instalada na cabeça de alguns revolucionários socialistas do partido, apenas faltava desenhar o projeto e procurar os alvos do programa cogitado. Quembo (2012) elucida que a escolha do Niassa e de Cabo Delgado como regiões prioritárias para o envio de improdutivo é explicado pela crença no potencial agrícola dessas regiões.

Niassa possuía nessa época vastas florestas virgens com uma boa qualidade de solo para a prática de agricultura de diversos produtos, assim como era a província menos povoada do país e necessitava ser repovoada e desenvolvida. Logo, o partido criou o mecanismo para exploração dessas regiões.

Antes de tudo, também houve uma operação de purificação total das filaras da recém-criada polícia da República Popular de Moçambique. A reestruturação da polícia estava na simbologia de levar os nativos e integrá-los na corporação e depois lhes dar a formação militar básica para que tenham habilidades de lidar com inimigos e interpretação da legislação da república e as demais leis. É importante também atar que, nessa estruturação, os militares e os deportados para campos de produção não tinham preparação técnica, tinham apenas orientações políticas junto do partido. Sergio Vieira compreende que esse modelo era para submeter à submissão das forças armada e policias à elite política para que não houvesse traição.

Para ele, a operação produção é um projeto alinhado ao socialismo. De acordo com Borges (2017), “a presença de indivíduos que tiveram ligações com o colonialismo como um problema no interior de uma corporação que deveria ser pura e impermeável ao modo colonial de proceder”¹¹. Já feita essa purificação na segurança popular, os líderes da FRELIMO lançam oficialmente o projeto Operação Produção em 1983.

Contudo, os documentos escritos e datados de 1979 revelam que antes da implementação oficial desse projeto foi precedido um debate intenso no seio da FRELIMO, o qual muito defendia que:

Só tem direito à residência na cidade quem tem trabalho, quem tem emprego. Significa que o trabalho é que é o critério de residência. Os marginais, os desempregados, os vadios devem ser enviados ao campo para a produção. O primeiro movimento que vamos fazer com as milícias Populares, os Grupos de Vigilância, Polícia, Exército e outras estruturas, é pentear a cidade¹².

Com esse projeto, Samora Machel e seu elenco tinham o propósito de acabar com o superpovoamento nas cidades e criar mão de obra nas zonas rurais, como também de não silenciar a *importância histórica do Niassa e Cabo Delgado*. Além disso, ele tinha o sonho de construir uma nova cidade em Unango. Samora Machel sustentou no mesmo sentido que era prioritário arrancar Niassa do esquecimento e erguer infraestruturas que assegurem o desenvolvimento das potencialidades do lugar.

Milhares de cidadãos improdutivos, que até aqui parasitam pelos centros urbanos do País, estarão entre os principais construtores e primeiros beneficiários de novas cidades que nascerão do campo, comentou esta semana um membro do Comando Operativo Central da Operação Produção. Ele sublinhou que o mais notório dessas transformações, quer econômicas e sociais, quer na vida daqueles homens, verificar-se-á em Niassa e em Cabo Delgado, para onde estão a ser evacuados a maioria dos improdutivos¹³.

Para Samora Machel, assim como para Joaquim Chissano, a operação produção e o campo de reeducação não tinham objetivo de excluir a população da

11 BORGES, 2017, p. 207.

12 MACHEL, 1983, p. 75.

13 NORTE dá trabalho aos improdutivos. *Jornal Notícias*, 23 de jul. 1983.

independência, mas sim enquadrá-la e mostrá-la às suas funções dentro do desenvolvimento do país. Para a elite do governo, o homem moçambicano estava repleto de mitos de escravidão, logo, essa ideia precisava ser retirada e colocada uma nova mentalidade, isto é, a implementação da Operação para erradicar os efeitos coloniais presentes na nova sociedade moçambicana enquadrava-se no esforço pós-colonial de afirmação e de consolidação do poder da FRELIMO. Neste sentido, Joaquim Chissano apresenta a criminalidade urbana e o massivo êxodo rural que deviam ser eliminados pela implementação da Operação Produção.

A FRELIMO defendia que esse projeto estava circunscrito no humanismo e na solidariedade entre os moçambicanos rumo ao desenvolvimento, mas, na verdade, o projeto era um caos para a sociedade que se alegava de ser independente e livre. Em 1984, Samora subscrevia que a ação tem como objetivo educar e ensinar o homem para um mundo moderno e não para marginalizá-lo e tirá-lo da cidade, como está sendo interpretado pelos inimigos da pátria.

Esse discurso estendeu-se até a formação dos novos policiais, o qual o presidente inspirava-se em uma segurança popular com ideias da justiça popular, garantindo que com a base do socialismo não teremos pobres nem ricos, por isso, a nossa segurança deve ser popular. Samora elencava também que a ação visa acabar com o parasitismo, a marginalidade, a ladroagem e a prostituição, evacuando essas que estão nos prédios e debaixo das árvores sugando dos que trabalham para bem-estar do país. Quembo (2012) nos faz perceber que a migração, a criminalidade, a erradicação dos defeitos coloniais, a afirmação do poder estatal por meio da expulsão dos indesejáveis são elementos relacionados à urbanização e ao desenvolvimento econômico.

Isso indica que a marginalidade e o parasitismo não eram as questões, pois o que estava em jogo era a questão do homem novo. Para tal, Cabaço afirma que o homem novo “representava a antítese do modelo de vida burguês e colonial, com a mesma intensidade com que as Forças Armadas de Libertação de Moçambique se contrapunham ao exército colonial”¹⁴. Assim, Niassa retornava de novo ao parco

14 CABAÇO, 2001, p. 113.

político e próprio para implementação da nova dinâmica de olhar para o desenvolvimento do novo governo e do país inteiro.

Para FRELIMO, os moçambicanos devem sentir-se donos da pátria. Esse sentimento só era possível quando todos estivessem inseridos no desenvolvimento, por isso a necessidade de implementação do homem novo e a retirada daqueles que eram considerados não alinhados com as condições de viver na cidade. Do ponto de vista político-histórico, esse projeto insere-se na tentativa de vencer a pobreza e de caçar os inimigos a todo custo, mas a FRELIMO refere-se a esse projeto como sendo medidas cautelares administrativas e de combate àquele comportamento que citamos anteriormente.

Como é possível executar a operação produção?

Para executar o projeto operação produção, a Frente de Libertação de Moçambique usou uma estratégia extraordinária e magnífica, desenhando o envolvimento de todos os setores do estado, do governo, assim como, do partido. Mas não bastava apenas desenhar esse envolvimento do executivo na operação, também era preciso fazer as identificações dos lugares de atuação e quem deveria atuar, visto que se encontravam num momento em que o novo governo não tinha ainda instalado as suas bases e todas as células administrativas nas regiões (rurais) do território nacional.

Primeiramente, a FRELIMO precisava instalar o seu aparelho administrativo nas zonas rurais e inserir essa população na administração direta do estado para não existir as fragmentações do poder. Para que isso tivesse efeito, o governo do Maputo adotada, em primeiro lugar, a política de aldeamento como galvanização do poder, e depois instala o aparelho administrativo local, com as denominações de chefes do posto, secretário do bairro, chefe do quarteirão e, assim, já estava instalado todo o executivo numa aldeia comunal. Vieira definia a função das aldeias como a de corrigir o corpo¹⁵. Para FRELIMO, o aldeamento visa controlar o sistema administrativo estatal no seio da população rural, ou seja, era considerado

¹⁵ NEVES, 197, p. 131.

com sistema promissório para desenvolvimento rápido da população e moldar a sua realidade cultural e política.

Há semelhanças das ações ligadas aos padres jesuítas no período da expansão europeia na África e na América, a FRELIMO, usou a mesma estratégia, substituindo as estratégias de catequese usado pelos jesuítas por cooperativas e machambas dos povos, guias de marchas. Os aldeamentos não se resumiram apenas a uma prática administrativa estatal também se estendeu a doutrinalização da cultura frelimista, e, reunir as diferentes etnias, em uma área determinada para efetuar melhor controle.

Instalado o aparelho administrativo, já não havia nada que faltasse para que o projeto entrasse em andamento, mas o governo da FRELIMO não estava seguro, acreditavam que deviam adotar uma outra figura dentro das aldeias, essa já pertencente e subordinada frequentemente ao partido. Tal figura denominava-se de grupo Dinamizador. No entanto, qual era a tarefa dessa figura?

O grupo dinamizado era visto pela FRELIMO como uma figura leal ao partido e tinha as funções de vigiar toda a população e denunciar os opositores do regime, como: preguiçosos, prostitutas, líderes tradicionais, praticamente de rituais e religiosos. Esse grupo não tinha nenhuma função administrativa, apenas função política. Contudo, GOFFMAN, nos chama atenção afirma que,

Quando as pessoas se movimentam em conjuntos, podem ser supervisionadas por um pessoal, cuja atividade principal não é orientação ou inspeção periódica (tal como ocorre em muitas relações empregador-empregado), mas vigilância - fazer com que todos façam o que foi claramente indicado como exigido, sob condições em que a infração de urna pessoa tende a salientar-se diante da obediência visível e constantemente examinada dos outros¹⁶.

Essa função de orientação e vigilância foi desenhada pelos grupos dinamizadores e por sua vez, foram muito contestados pela população porque neles habitavam o ódio, a desonestidade e o oportunismo, devido ao não estabelecimento claro das regras de seleção para envio dos indivíduos ao campo de redução e produção. Mas com esse grupo foi possível começar com a operação, pois esses

16GOFFMAN, 2008, p.18

foram dinâmicos em intensificar as ações de patrulha e identificação dos legíveis a deportação.

Segundo Thomaz (2008), a Operação Produção foi decidida logo após o IV Congresso do Partido Único no poder e tratou-se de uma ação policial de natureza repressiva destinada a enviar para as regiões com menor densidade populacional todos aqueles desempregados, no ócio ou na prostituição no meio urbano, com o fim de dar-lhes uma utilidade. Como já tínhamos citado que a operação produção não estava apenas nos moldes econômicos, também fazia parte das projeções política da FRELIMO, com podemos ver, que Teodato Hunguana, nos seus discursos, atribui um caráter político, vendo a Operação Produção como uma decisão tomada aquando do 4º Congresso 1983. Para a FRELIMO, essas ações também visam a construção de políticas pública.

Charles Jones argumenta que a construção de políticas públicas sempre “acontece de forma rígida em 5 etapas, a saber, 1) a definição do problema; 2) seu tratamento e a análise das diferentes opções possíveis; 3) tomada de decisão e a sua implementação; 4) sua avaliação e 5) encerramento do programa”¹⁷. Quembo sustenta que aqui um contexto bem diferente se impõe. “Um partido-Estado centralizador, de orientação 'marxista-leninista', militarizado, não deixa espaço para debate sobre outras opções, se não a Operação Produção. Não se pode debater se não a melhor forma de implementar a decisão já tomada e incontestável”¹⁸.

Para executar o projeto o comitê reuniu-se e, antes da reunião, lançou um documento no dia 12 de junho de 1982.

A direção máxima do nosso Partido constatou, durante a Primeira da Ofensiva Política e Organizacional, as graves consequências políticas, econômicas e sociais que resultam da chegada constante à cidade de Maputo de novas pessoas em grande número vindas do campo com a intenção de se fixarem na capital do país¹⁹.

17 HERMET, 2005.

18 QUEMBO, 2012.

19 CONTROLEMOS o crescimento das nossas cidades. Comunicado do Secretariado do Comitê Central do Partido FRELIMO. *Jornal Notícias*, 14 de jun. 1982.

O partido estava convicto que o insucesso da sua política estava por de trás das pessoas que vinha do campo para cidade. Para isso, o comitê central argumenta que:

A migração desordenada para os cidadãos provoca a desagregação das famílias, a inadaptação e a frustração de muitos moçambicanos. Ao despovoar os campos, esta migração compromete os nossos planos de desenvolvimento e, em particular, a nossa estratégia de desenvolvimento harmonioso e equilibrado no campo e na cidade²⁰.

A FRELIMO associou o homem novo ao socialismo e procurou implementar a todo custo a revolução em Moçambique. Neste contexto, o partido viu as migrações desordenadas como o fator que provocou aos cidadãos a desagregação das famílias, a inadaptação e a frustração de muitos moçambicanos que estão trabalhando, e isso remete ao colapso de tudo que foi planejado e, assim, está o catapultar da nação socialmente em desenvolvimento. Então qual seria a solução?

A solução de fundo do problema da migração para as cidades está na materialização da nossa estratégia de socialização do campo, que levará à aldeia comunal e à cooperativa os benefícios que já são conquista da Revolução. Torna-se necessário, entretanto, tomar algumas medidas políticas e administrativas que permitam ao Partido e ao Estado controlar, dê imediato, o movimento migratório do campo para a cidade²¹.

Depois dessa conferência, foi emitido o decreto que valida as suas ideias. O documento foi publicado no dia 15 de junho do mesmo ano, com título *Diretiva ministerial sobre a evacuação das cidades*. Essa foi a paixão política do presidente de Moçambique e da FRELIMO, os quais fizeram questão de levar o documento para apresentar no comício de 21 de maio, 6 dias depois da sua redenção. No mesmo dia, o presidente anuncia como seriam os procedimentos para efetivação do projeto, na qual a estratégia acordada no comitê central era de formar um comando operativo para ação.

Para maior eficácia e rapidez nas ações operativa do projeto Operação Produção, o comitê central aprovou que os comandos devem partir dos comandos

20 Idem.

21 Idem.

Distritais, os quais têm o papel de localizar os locais que por sua vez devem ter uma ligação mútua com Grupos Dinamizadores dos Bairros, os quais identificam e analisam os alvos a serem deportados.

O Jornal Notícias revelou que a FRELIMO junto com os grupos dinamizadores emitiram um comunicado que dava a prerrogativa de existência de inscrições para voluntários, mas esse convite não foi bem visto pela população porque soava mais como uma obrigação do que propriamente um convite, por isso que muita gente o recusou.

Os grupos dinamizadores foram em busca dos que não tinham função clara para sua permanência na cidade. Isso não afetou apenas os indivíduos com idade ativa para trabalho, a ação estendeu-se também aos idosos e aos doentes. Estes últimos deviam mostrar a documentação comprovante da sua estadia no hospital, caso não a tivessem, eram automaticamente enquadrados na lista para deportação.

Esse trabalho era específico para os grupos dinamizadores. Em relação aos idosos havia uma prerrogativa de que se esses vivessem sob a tutela das suas famílias, não tinham como serem deportados, porque não faziam parte dos parasitas. Caso não tivessem nada, vivendo apenas sozinhos, a responsabilidade estava com os grupos dinamizadores em analisar o caso para sua extradição.

É importante ressaltar que esse projeto teve sua evolução em duas fases, cuja primeira é aquela que tínhamos referenciado nos parágrafos anteriores, de caráter voluntário e com a duração de 15 dias, e segunda era o uso da força, para a qual se justificava que “convidamos à inscrição, voluntária. Mas, para os renitentes, temos que usar a força, a força do martelo”²². Esse discurso foi proferido, na época, por Teodato Hunguana, que ostentava o cargo de vice-ministro do Interior

No mesmo governo, com o mesmo projeto, existiam alguns da elite da FRELIMO que não estavam vendo de maneira positiva as medidas que estavam sendo tomadas, o projeto Operação Produção tinha como arquitetos Marcelino dos Santos, Sergio Viera e Jorge Ribeiro os considerados socialistas ortodoxos. Sobre isso, Hunguana (1983), então o ministro da justiça do primeiro governo

²² HUNGUANA, Teodato. Libertemos as cidades dos improdutivos e marginais. *Jornal Notícias*, 21 de jun. 1983.

moçambicano, escreve que “com a pena de morte, a vida deixa de ser um direito fundamental a partir do momento em que se violam o direito do povo”²³.

É pertinente destacar que alguns acadêmicos negam que o projeto apresentado e executado não se funda pela realidade que a FRELIMO citava, neste sentido, segundo Quembo (2012), está convicto que o projeto Operação Produção não foi motivado pela existência de vadios, prostitutas associadas no espaço urbano, mas sim pela percepção que se tinha da empregabilidade ou do trabalho.

Se olharmos para os discursos dos membros integrantes da sessão do comitê central, verificaremos que a questão estava mais além do que a de marginal e de emprego, como Quembo refere-se. Laura Lázaro, membro da FRELIMO, sustenta na sua intervenção que: “Falando das pessoas vindas do campo, acho que estão dando um mau ambiente à cidade. Elas não devem permanecer na cidade. Devem voltar às suas terras, para trabalharem nas machambas. Ou então, o governo deve integrá-las nas machambas estatais ou nas Zonas Verdes”²⁴.

Esse discurso revela que os cidadãos das zonas rurais não tinham condições suficientes de estarem na cidade, a não ser apenas para trabalhar na machamba. É importante dizer que Operação Produção foi ponto máximo da implementação de todo o processo de perseguição dos *inimigos da pátria da revolução que culminaria com a formação do homem novo e solidário que sabe trabalhar em conjunto*.

As causas e os contornos sociais da operação produção

Para começar é necessário entender como Moçambique procedeu a sua independência e qual o regime adotado pelo novo estado. Contudo, Moçambique não lutou apenas para independência, dignidade e liberdade, também, mais tarde, no seu projeto político, foi inclusa a ideia da revolução, ideia que encontrou surpresa na população do país. Nessa ideia da revolução, adotada durante a luta de libertação nacional, surgem vários holofotes para um novo Moçambique, quer na política, na educação e no desenvolvimento.

23 NOTÍCIAS esclarecem sobre a “Operação Produção”. *Jornal Notícias*, 05 de jul. 1983.

24 OBRIGAR os marginais a regressarem às suas terras. *Jornal Notícias*, 07 de jun. 1982.

Para implementação dessa nova dinâmica de olhar para a nação, surge a ideia do homem novo, operação limpeza e operação produção rumo ao socialismo comunista marxista-leninista. Neste caso, o marxismo foi adotado como uma maneira de estabilização das populações rumo ao desenvolvimento e não como luta de classe.

O projeto operação produção foi fundado com as raízes assentadas na luta contra a criminalidade como objetivo principal. Roubos, furtos, prostituição, candonga e vadiagem constituem-se como crimes mais recorrentes. As fontes dessa época mostram-nos que em 31 de maio de 1982 foram detidos 27 indivíduos na Feira Popular em Maputo, em uma das incursões da polícia no combate ao crime. O Jornal Notícia elenca-nos que:

Os marginais vivem em casa abandonadas e nos terraços; e, agora com as operações que estamos a realizar, eles fogem para os subúrbios. De futuro iremos trabalhar nos bairros suburbanos; aí também iremos desalojá-los, porquanto a população tem-nos apoiado muito neste trabalho. A maioria dos delinquentes praticou crimes de assalto por arrombamento e outros são marginais, que vivem a base de roubo”²⁵.

As prisões eram frequentes e cada vez mais aumentavam os números de detidos, e as estratégias eram aprimoradas cada vez mais, logo, os alvos tornavam-se muito fáceis de atingir. Essa ação não era perpetuada apenas pela polícia, mas também havia um grupo paralelo denominado grupos dinamizadores que andavam de bairro em bairro, de modo a identificar os marginais e outros lesa pátria, para em seguida acionar a polícia para fazer a ofensiva e detenção dessas pessoas implicadas pelo programa. O Jornal Notícias mostra que no dia 07 de junho do mesmo ano foram detidas 50 pessoas, que foram levadas ao Tribunal Popular Provincial de Maputo pelo crime de vadiagem. Nestas operações, o principal alvo eram as pessoas provenientes do campo para a cidade de Maputo, sem objetivo nem ocupações vivendo dentro da cidade, eram considerados como autores dos tais crimes urbanos.

Das pesquisas que fizemos nos jornais moçambicanos, principalmente no Jornal Notícias, deparamos com algumas entrevistas publicadas, em que há uma demonstração clara de que não existia detenção por flagrante de delito, mas sim

²⁵ OPERAÇÕES seletivas: dezenas de antissociais detidos em Maputo. *Jornal Notícias*, 31 de maio 1982.

baseado por suposições as quais os grupos dinamizadores (os informantes do partido) questionavam. *Se não trabalham, como sustentam a sua vida?* Com esse questionamento já estava carimbado a passagem para o campo de produção e redução, pois se não trabalha, então:

Penso que vivem à custa de assaltos. Então, o Governo deve controlar essa gente e atribuir-lhes tarefas ou integrá-los nas machambas estatais, onde possam produzir o suficiente, pois sabemos que, ultimamente, atravessamos uma crise no campo da alimentação²⁶.

Esta maneira de pensar era genérico na elite política da FRELIMO, para eles, os camponeses deviam estar no campo cultivando para desenvolver o país e os trabalhadores deviam estar nos centros urbanos para trabalhar em prol do desenvolvimento das cidades. Essa prática também foi chamada pela FRELIMO como *justiça popular*. Numa visão empírica parece que estava estabelecendo-se uma divisão entre moçambicanos do campo e moçambicanos da cidade, mas os dirigentes da FRELIMO dissipam esse equívoco divisionista ao afirmar que a intenção não é de excluir, mas sim de incluir e criar novas infraestruturas. Samora, para enfatizar a campanha, lançou um lema *"Produzir é aprender, aprender para produzir e lutar melhor"*²⁷.

Para Samora, o homem novo devia ter essa consciência para eliminar a preguiça e ambição, porque o ambicioso e ignorante são capazes de vender a Pátria. Qual seria o impacto negativo e positivo dessa política operação produção?

A execução da operação produção em primeiro lugar estava idealizada na construção do homem novo e revolucionário, com objetivo de tirar nas mentes da população as amarras do passado colonial obscuro e também fazer uma desestruturação das principais referências tradicionais como: ritos, símbolos, relações de parentesco, hierarquia linhageira etc. No entanto, as deslocções eram feitas sem respeitar essas diversidades nem sua relação social. Aqui o homem foi visto com instrumento de desenvolvimento compulsivo. Para tal Samora elucida que,

26 OBRIGAR os marginais a regressarem às suas terras. *Jornal Notícias*, 07 de jun. 1982.

27 MACHEL, 1974, p. 32.

A sociedade africana, porque ainda se encontra numa fase atrasada do desenvolvimento das forças produtivas, é uma sociedade minada pelo subjetivismo, pela superstição e submissão a um inexistente sobrenatural, dilacerada pelas falsas solidariedades linguísticas e étnicas, dominada pelas tradições arcaicas que oprimem a mulher e a juventude e bloqueiam a iniciativa criadora. É isto que explica a fraqueza da ideia e da ideologia revolucionária no nosso seio²⁸.

Nos relatos recentes, mostra que essa política causou muita separação entre parentes e também criou uma desestruturação social entre as comunidades conservadoras das práticas tradicionais étnicas. Alberto Chitanto de 55 relata numa reportagem da STV que, *“eu separei-me com os meus pais a muito tempo e já não conheço mais nem um deles e nem sei como encontrá-los. Quando chegamos aqui apenas tivemos lugar de dormir e recebemos comida durante uma semana depois o estado nos deixou assim. Eu devia procurar casar aqui mesmo para ter uma família pelo menos”*²⁹.

Estes tipos de relatos históricos são frequentes para muitos que foram para aqueles campos, a reinvenção era condição *sine qua non* para sobrevivência. Aqui o indivíduo era por si só uma outra realidade e devia criar uma nova família para dar rumo a nova era do seu ser. A própria FRELIMO tinha consciência de que um processo revolucionário implicaria a negação da estrutura que o criou, e também estava convicto que isso traria grande implicação, mas nunca contou com a revolta, até criação de um movimento rebelde. A FRELIMO estava mais preocupada com a modernidade e superação do passado colonial, mas o impacto dessa modernidade, inspirado no homem novo e no socialismo, foi recebido com sentimento de revolta por quase toda população da zona rural.

Isso teve grande impacto no apoio pelo movimento da guerrilha que surgia em 1977 contra o governo e que a maior parte das pessoas simpatizou-se com a RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique). Por que a população apoiou a RENAMO?

A população afetada era unânime em sublinhar que nós já não tínhamos mais a proteção dos espíritos, nem tínhamos a liberdade de praticar os nossos rituais; isso implicava dizer que não estamos independentes nem livres.

HONWANA argumenta que:

²⁸ MACHEL, 1974, p. 142.

²⁹ STV. Grupo sócio Moçambique grande reportagem, 2014.

Com o fim do poder dos chefes tradicionais, as pessoas deixaram de usufruir da proteção dos antepassados e as coisas começaram a correr mal. Toda a vida da comunidade ficou destruída, pois já não havia respeito pelos velhos, respeito pelos antepassados, respeito pelas nossas tradições³⁰.

Aqui estava um grande impacto negativo social do projeto. Isso resultou em grande dissidência e aderência ao movimento rebelde para lutar contra essa opressão que a população considerava como traição a causa da luta pela independência. Alguns líderes estavam vendo o seu poder atacadado e a sua dignidade humilhada; isso criou muito ressentimento nessa classe social e ajudou afincadamente a proliferação da RENAMO no campo de Batalha.

Conclusão

A operação produção foi um projeto que suscitou muitas críticas e revolta no seio da comunidade. Uma parte da sua crítica foi devido à maneira da implementação do projeto. Para a FRELIMO, o projeto devia seguir em frente a todo custo, pois fazia parte da revolução socialista rumo à igualdade e ao desenvolvimento, mas peca nas decisões tomadas no comitê central de deportar a força os indivíduos considerados improdutivos e inimigos.

O outro fato é os destinos dos deportados. Nessa ação, não havia uma análise regional nem étnico, e as pessoas eram obrigadas a separarem-se dos seus familiares e amigos para viverem nos campos de produção sem saber o dia do seu regresso.

Portanto, em muitas organizações, pesquisadores consideram o programa como sendo de violação dos Direitos Humanos. Isso fez com o projeto ou programa falhasse nos seus objetivos de reduzir os problemas urbanos e de aumentar a produção de alimentos nas zonas rurais.

³⁰ HONWANA, 2002, p. 171.

Bibliografia

BORGES, Egor Vasco: *A polícia e a construção do homem-novo na formação do estado-nação em Moçambique (1975-1990)*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista – Unesp, 2017.

CABAÇO, José Luis. O homem novo: breve itinerário de um projecto. In: *Samora, homem do povo*. António Sopa (Coord.) Maputo: Maguezo, 2001. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009

_____. *o corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo n-1 Edicoes, 2013

FRELIMO. *Lei dos Crimes contra a Segurança do povo e do Estado Popular*. 4º Sessão. Assembleia Popular.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GRANDO, José Carlos. *Sacralização do corpo: a educação física na formação da força de trabalho brasileira*. Blumenau: Ed. da FURB, 1996.

HERMET, Guy, et al. *Dictionnaire de la science politique et des institutions politiques*. 6ª ed. Paris: Armand Colin, 2005.

HONWANA, Alcinda. *Espíritos Vivos, Tradições Modernas. Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Maputo: Promedia, 2002.

MACHEL, Samora Moisés. *Estabelecer o poder popular para servir às massas*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

_____. *Defender a pátria, eliminar a fome: tarefa de todos os Moçambicanos*. Coleção 4º Congresso. Maputo, 1983.

_____. *A Luta Continua*. Porto: Afrontamento, 1974.

_____. *Revolução; transformação profunda das estruturas; transformação profunda da nossa vida*. Maputo: Imprensa Nacional, 1975.

_____. *Impermeabilizemo-nos contra as manobras subversivas intensificando a ofensiva ideológica e organizacional no seio dos combatentes e massas*. Maputo: Imprensa Nacional, 1975b.

MONDLANE Eduardo, MACHEL, Samora. FRELIMO e a revolução em Moçambique. Coleção Libertação Nacional. 141 p., M Da Fonte, 1975.

NEVES, L. F. B. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

QUEMBO, Carlos. O poder do poder: Operação Produção (1983) e a produção dos «improdutivos» urbanos no Moçambique pós-colonial, IN: *Cadernos de História de Moçambique*, v.1, pp. 65-81, 2012.

PITCHER, M. Anne. *Transforming Mozambique: the politics of privatization, 1975-2000*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Jornal

CONTROLEMOS o crescimento das nossas cidades. Comunicado do Secretariado do Comitê Central do Partido FRELIMO. IN: *Jornal Notícias*, 14 de jun. 1982.

HUNGUANA, Teodato. Libertemos as cidades de improdutivos e marginais. Teodato Hunguana no bairro de Mafalala. IN: *Jornal Notícias*, 21 de jun. 1983.

NORTE dá trabalho aos improdutivos. IN: *Jornal Notícias*, 23 de jul. 1983.

NOTÍCIAS esclarecem sobre “Operação Produção”. IN: *Jornal Notícias*, 05 de jul. 1983.

NO ÚLTIMO dia da 1º fase: hesitantes afluem os GD’S. IN: *Jornal Notícias*, 05 de jul. 1983.

OBRIGAR os marginais a regressarem às suas terras. IN: *Jornal Notícias*, 07 de jun. 1982.

OPERAÇÕES seletivas: dezenas de antissociais detidos em Maputo. IN: *Jornal Notícias*, 31 de maio 1982.

Reportagem

STV. Grupo sócio Moçambique grande reportagem, 2014.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.